

A FORÇA POLÍTICA NA GRANDEZA DAS FORMAS: O SÉCULO XIX EM DIÁLOGO NAS OBRAS DE SARMIENTO E HERNÁNDEZ

Ivia Minelli¹

iviamin@uol.com.br

Resumo

O estudo do gênero gauchesco para a análise das obras de Domingo F. Sarmiento e José Hernández, fundamentais na história da literatura argentina devido ao intenso debate que seus escritos promovem desde o século XIX, suscita a reflexão sobre as manifestações artísticas e estratégias discursivas desprendidas em *Facundo: civilização e barbárie* e *Martín Fierro*, reveladoras de um universo simbólico em disputa ao longo do período pós-independência. As diferentes acepções sobre gauchos e indígenas encontradas em cada texto são representativas de uma nacionalidade a ser definida, sobre a qual debatem Sarmiento e Hernández segundo suas distintas perspectivas a respeito da intelectualidade argentina, da expressão política relativa ao campo e à cidade, dos projetos e rumos civilizatórios para novo país, da adoção de símbolos nacionais, entre outras. Na abordagem aqui proposta, política e cultura se encontram e são colocadas em franco diálogo, sem o objetivo de determinar uma em função da outra, com o objetivo de valorizar a complexidade de um pensamento argentino oitocentista tensionado ante a heterogeneidade de um discurso nacional em construção.

Palavras-chave: literatura gauchesca, indígenas, gauchos.

Abstract

The study of the gaucho genre for the analysis of works of Domingo F. Sarmiento and José Hernández, fundamental in the history of Argentine literature due to the intense debate that promote his writings since the nineteenth century, calls for reflection on the artistic and discursive strategies in disconnected *Facundo: civilization and barbarism* and *Martín Fierro*, revealing a symbolic universe in dispute over post-independence period. The different meanings of gauchos and Indians found in each text are representative of a nationality to be defined, on which debate and Sarmiento Hernández according to their different perspectives on the Argentine intellectuals, the political expression on the field and the city, projects and civilization courses for new country, the adoption of national symbols, among others. In the approach proposed here, politics and culture meet and are placed in open dialogue, not to determine a function in another, with the aim of highlighting the complexity of a nineteenth-century Argentine thought tensioned before the heterogeneity of a national discourse under construction.

Keywords: gaucho literature, indians, gauchos.

¹ Estudante de mestrado pela Universidade Estadual de Campinas, pesquisa financiada pela CNPQ.

Si bien es cierto que ningún texto puede ser explicado como efecto de una causa histórica, todo texto puede ser interpretado como soporte de un efecto cultural.

(Martín Prieto)

Pensar o indígena na literatura gauchesca é uma tarefa árdua, principalmente por tratar-se esse de um gênero que enfatiza o modo de vida, a fala, os costumes e as crenças gauchas. Embora seja um elemento bastante presente nos cenários pampeanos, sempre trabalhado pelos autores gauchescos, ele nunca obtém um patamar de protagonista, o que implica estar relegado à imobilidade e à interpretação de terceiros dentro da própria obra. Assim, dois podem ser os caminhos para analisar essa “presença” indígena: primeiro, aceitar ser ele uma *sombra do gaúcho*² que serve como figuração para as histórias e suas idéias desenvolvidas, ou ver o indígena ao *lado do gaúcho* como categoria discursiva, respondendo a expectativas político-culturais de uma determinada época.

A fim de acercar-nos dessa segunda proposta, a primeira consideração necessária é analisar a literatura como representante, em si mesma, de um projeto cultural³. Pablo Heredia defende essa proposição baseando-se na idéia de que o discurso estético, entendido como as estruturas e as formas elaboradas para o funcionamento interno de um texto, busca institucionalizar uma língua social, ao passo que o discurso transforma-se em poética das funções redentoras da cultura⁴. Nesse sentido, não queremos reduzir a literatura a um reflexo da realidade⁵, mas pelo contrário: aceitar que a estética literária relaciona diretamente a linguagem à história. É preciso considerar uma reformulação permanente dos discursos, pois os domínios de uma sociedade têm autonomia relativa e interagem em suas regras, convenções e significados, impossibilitando que a literatura tenha objetivos ou esperanças de uma aceitação passiva⁶.

Em estudo sobre o periodismo no século XIX, Andrea Bocco nos chama a atenção para a falta de autonomia discursiva que enfrentava a literatura nesse momento, estando contaminada por discursos periodista e políticos⁷. Na verdade, a autora não dissocia as duas categorias, buscando trabalhá-las como um único corpus; não existia um público leitor ou

² A opção pela grafia “gaúcho”, do espanhol, ao invés de “gaúcho” em português deve-se ao intuito de diferenciação em relação aos habitantes do estado do Rio Grande do Sul de nosso país.

³ HEREDIA, Pablo; BOCCO, Andrea. “Conclusión”. In: *Ásperos Clamores: la literatura gauchesca desde Mayo hasta Caseros*. Córdoba: Alción Editora, 1996, p. 63.

⁴ HEREDIA, P. “Política, sociedad y literatura: ilustrados, hispanistas y gauchos”. In: *Op. Cit.* P. 45.

⁵ Beatriz Sarlo nos chama a atenção para a ampla abertura interpretativa proporcionada por um texto literário; dessa forma, a autora defende que a literatura não é uma miniaturização do mundo, pois “o que não pode ser lido é aquilo que não se busca como leitura”. Não podemos buscar um discurso objetivador, por assim negamos uma especificidade artística. SARLO, Beatriz. “Clio revisitada”. In: *Paisagens imaginárias*. S.Paulo: Edusp, 2005, p. 81.

⁶ BOCCO, Andrea. “Postulados teóricos”. In: *Literatura e periodismo: 1830-1861*. Córdoba: Universitas, 2004, p.25-26

⁷ BOCCO, Andrea. *Op. Cit.* P. 28.

uma rede editorial que configurasse a profissão de escritor e, dessa forma, a literatura era entendida como lugar para manejar idéias⁸. Assim surgiria a arenga entre a política e as letras no campo intelectual: no desenvolvimento de homens públicos com suportes teóricos e, ao mesmo tempo, com preocupações práticas⁹.

Exposta essa problemática que amplia as dimensões literárias do século em que viveram Domingo F. Sarmiento e José Hernández¹⁰, podemos definir nossa postura assumindo as categorias discursivas como forma de analisar os espaços do indígena e do gaúcho. Concordando com as sentenças de Bocco, entendemos que a literatura é capaz de submergir a política numa estética, criando paralelamente uma poética sobre ela¹¹. A literatura não pode ser compreendida, pois, como um cenário, mas como uma máquina que apresenta um funcionamento autônomo relativo¹², fundindo as dimensões estéticas e políticas de forma a não podermos sentenciar em que medida uma defina a outra.

Portanto, por escolhermos a segunda opção de análise, devido ao seu caráter mais abrangente, apresentaremos separadamente alguns eixos de análise estudados, de forma a melhor explorar os embasamentos culturais presentes nas categorias discursivas. Resumidos em linhas gerais como análises dos parâmetros da *gauchesca* para a definição dessas categorias, de como os *autores* referidos nelas se aventuram e do espaço legado ao *indígena* a partir delas, é importante destacar que todas as abordagens levam em comum o signo da dicotomia civilização e barbárie, principalmente porque definem os lugares do bárbaro.

Para Maristela Svampa, essa dicotomia estabelece uma relação inextrincável entre cultura e vida política na Argentina, principalmente porque representa um lugar simbólico de conflitos¹³. Com a finalidade de expandir a noção de barbárie sarmientina, a autora afirma que essa imagem de barbárie, constantemente recriada e valorizada, é fundamental porque ela proporciona certa linguagem política¹⁴, na qual podemos encontrar diferentes situações e personagens sendo definidos sob o carimbo de “bárbaro”: ora o indígena e seu universo pampeano, ora o gaúcho, dependendo da posição assumida e da mensagem a ser transmitida.

⁸ Idem, p. 30. Essa perspectiva pode ser relacionada diretamente aos preceitos do Salão Literário, primeira organização entre elite intelectual argentina, que buscavam na juventude e na ação escrita uma revolução cultural não alcançada pela Revolução de Maio. A fundação da *literatura* argentina é reconhecida a partir da obra de Ricardo Rojas *História da Literatura Argentina* (1917), quando a literatura se separa da história e política e consolida-se como campo específico.

⁹ Idem, p. 33.

¹⁰ Para as obras “Facundo: civilização e barbárie” (1845) e “Martín Fierro”, parte I e II (respectivamente datadas de 1872 e 1879), são usadas tais edições: SARMIENTO, Domingo F. Facundo: civilização e barbárie. Rio de Janeiro: Vozes, 1996; HERNÁNDEZ, José. Martín Fierro. Rio de Janeiro: Ediouro, 1991.

¹¹ BOCCO, Andrea. *Op. Cit.* P. 28.

¹² Idem.

¹³ SVAMPA, Maristela. *El dilema argentino: civilización y barbarie*. Buenos Aires: Taurus, 2006, p. 12-13.

¹⁴ Idem, p. 10.

A barbárie torna-se, portanto, depositária de características negativas, portando-se como uma categoria teórica e, pois, histórica, a partir da qual se constrói aportes literários variáveis. Determinar o “outro” e suas imperfeições é o caminho mais simples para se auto-definir. E disso trata a gauchesca: mostrar-nos que o bárbaro em si não importa, mas os significados de sua *negação* na consolidação da República Argentina próspera e civilizada.

A literatura gauchesca: o gênero e seus usos

Inicialmente, é preciso delimitar como alguns estudiosos definem a literatura gauchesca. Horacio Jorge Becco a coloca como síntese da união entre duas formas literárias: o romanceiro peninsular, que tinha seus atributos europeus transformados na América hispânica em cancioneros populares; e o neoclassicismo¹⁵. A primeira daria o tom estético à nova literatura, consagrando o diálogo, os rituais de encontros, as fórmulas de saudações, a presença do cavalo, do mate, do tabaco, da bebida e as queixas políticas e ou pessoais como um sistema gauchesco¹⁶. Enquanto a segunda representaria as temáticas desenvolvidas no gênero, que seriam as questões modernas (sociais e políticas) próprias do século XIX¹⁷. Nas palavras de Angel Rama, estaria na união desses dois campos literários, forma e tema, o espaço em que se configura o movimento dessa literatura: o “passo atrás”, recuperando uma tradição local, e o “passo adiante”, enfrentando as problemáticas políticas do período, teria gerado uma fecundação artística que, a partir da ambigüidade, fosse capaz de oferecer uma abertura realista ao gênero¹⁸.

Assim, a *ambigüidade* torna-se uma das principais características da literatura gauchesca. Jorge Luis Borges, em estudo singular, consagrou a primeira dualidade a que o gênero nos submete: o confronto entre o espaço representado *na* gauchesca (o campo) e o espaço *a partir do qual* ela foi pensada (cidade)¹⁹. Esse autor nos mostra a impossibilidade de derivar o gaucho da literatura gauchesca, uma vez que esta teria sido pensada segundo as perspectivas e necessidades políticas do espaço urbano portenho, o que não torna a obra

¹⁵ BECCO, Horacio Jorge. “La primitiva poesía gauchesca y Bartolomé Hidalgo”. In: *Trayectoria de la poesía gauchesca*. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1977, p. 25. Bartolomé Hidalgo teria sido o responsável pela união dessas duas características literárias e, conseqüentemente, o pai da gauchesca.

¹⁶ GRAMUGLIO, Maria Teresa; SARLO, Beatriz. “Martín Fierro”. In: *Historia de la literatura argentina*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1980, p. 31. Embora as autoras trabalhem essas questões num texto sobre Martín Fierro, são características corriqueiramente encontradas em outras obras da gauchesca, inclusive, em *Facundo*.

¹⁷ BECCO, H. J. *Op. Cit.* p. 29.

¹⁸ RAMA, Angel. “Nascimento de la gauchesca: literatura y revolución”. In: *Los gauchipolíticos rioplatenses*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1982, p. 42. “En definitiva, el pacto de una ideología moderna con una forma conservadora a través del funcionamiento político de una lengua, es índice de un nuevo condicionamiento social de las formas literarias en el período de la revolución emancipadora”.

¹⁹ BORGE, Jorge Luis. “A poesia gauchesca”. In: *Obras completas*. São Paulo: Globo, 1999, vol. III, p. 187.

artificial, mas significativa²⁰.

O viés urbano de Hernández é bastante abordado por Tulio Halperín Donghi em seu livro *José Hernández y sus mundos*²¹, no qual o personagem central é seguido pelas suas trilhas no periodismo do século XIX, principalmente em artigos sobre os conflitos da política partidária nos anos 1860 e 1870 que revelassem a posição política de Hernández. Explorando, inclusive, a falta de excepcionalidade dele como periodista²², Donghi nos deixa a questão: o que faz dele o autor de *Martín Fierro*?²³ Se Hernández não era um poeta instintivo, tendo em vista que essa obra foi a única que o retirou do mundo dos periódicos, a literatura gauchesca e suas formas campesinas surgiram como forma de diferenciar seu posicionamento político em determinado momento²⁴, o que nos sugere o espaço de discussão que esse gênero proporcionava e a eficácia de sua elaboração.

A gauchesca também se tornou “solução” para a carreira pública de Sarmiento. Fora do círculo político do país, esse homem que cresceu no interior da Argentina²⁵ encontrou na literatura a possibilidade de reconhecimento público. Carlos Altamirano e Beatriz Sarlo mostram que Sarmiento tinha que criar uma nova linhagem política no país, que fosse lembrada por mérito e trabalho duro²⁶, para que pudesse obter logro na política. *Facundo*, introduzindo variantes e matrizes na imagem da sociedade argentina, relaciona a figura de seu autor à identidade nacional²⁷, criando um espaço aos que se preocupavam com as questões do país. Com esse discurso, Sarmiento procurava estabelecer-se definitivamente no imaginário político do povo²⁸.

Podemos concluir, a partir da análise desses dois autores, que a literatura gauchesca

²⁰ Idem, p. 188. O que Borges parece querer esclarecer é que a artificialidade ou não da obra não é a discussão central, mas ao contrário: é preciso compreender que “a arte sempre opta pelo individual, pelo concreto; a arte não é platônica” (p. 188), ou seja, ela carrega uma mensagem. Angel Rama também fez inúmeras críticas àqueles que a usaram a gauchesca como documentos da vida gaúcha. RAMA, A. “Prólogo: el sistema literario de la poesía gauchesca”. In: *Poesía gauchesca*. Caracas, Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 1977, p. IX; Rodolfo A. Borello frisa o erro grotesco de classificar a gauchesca como “folclore” ou simplesmente um gênero “popular”. BORELLO, R. “Introducción a la poesía gauchesca”. In: *Trayectoria...* P. 38; e, finalmente, Josefina Ludmer define a literatura como sendo o uso letrado da cultura popular. “O corpo do gênero e seus limites”. In: *O gênero gauchesco: um tratado sobre a pátria*. Chapecó: Argos, 2002, p. 20.

²¹ DONGHI, Tulio Halperín. *José Hernández y sus mundos*. Buenos Aires: Debolsillo, 2006.

²² DONGHI, T. H. “Prólogo”. In: *Op. Cit.* P. 14.

²³ Idem, p.10.

²⁴ Maria Teresa Gramuglio e Beatriz Sarlo defendem que as denúncias sociais encontradas em *Martín Fierro*, a respeito do mau trato dado aos gauchos nas fronteiras em que trabalhavam em favor do Estado, eram bastante comuns. Assim, foi a *forma* encontrada na gauchesca, fusão entre denúncias sociais e estruturas de idéia e sentimentos, que teria dado eficácia ao argumento de Hernández; eficácia moral e estética. GRAMUGLIO, M. T.; SARLO, B. *Op. Cit.* P. 43.

²⁵ Até 1952, ano em que seu rival, o General Rosas, sai do governo, Sarmiento não conhecia Buenos Aires.

²⁶ ALTAMIRANO, Carlos; SARLO, B. “Identidad, linaje y mérito de Sarmiento”. In: *Punto de Vista*, p. 17-18.

²⁷ Idem, p.16.

²⁸ PRIETO, Adolfo. “Las ciento y una: el escritor como mito político”. *Revista Iberoamericana*. Vol. LIV, nº 143, Abril – Junio, 1988, p. 477.

foi uma escolha deliberada de ação política por ambos, os quais buscaram nas características do gênero seus espaços de atuação. Por enquanto, podemos destacar: o *didatismo* e a *descrição* como formas da gauchesca usadas para a transmissão das idéias de Hernández, principalmente do texto de *A volta* (1979), em que se faz importante a apresentação da *vida fronteiriça*, tanto para justificar o extermínio dos selvagens indígenas no pampa quanto para *denunciar* o sufocamento do campo pelos ditames da cidade²⁹; e o *efeito de leitura* e a *tomada de consciência*, características da obra de Sarmiento, sendo a primeira resultada de um emaranhado de planos objetivos e subjetivos do texto, que apresenta a função de *convencer* o leitor através da *ação sugerida pela palavra*³⁰, e a segunda, como uma forma de identificar na trajetória da leitura uma explosão de *originalidade*, tanto no texto quanto no país retratado, exigindo uma atitude do leitor pela defesa do nacional³¹.

Embora tenhamos separado essas características por autor, trata-se do mesmo gênero e elas aparecem irrestritamente uma na obra do outro. Dessa forma, vale destacar outra característica fundamental que acompanha tanto a opção de Hernández como a de Sarmiento pela literatura gauchesca na definição de suas posições políticas: a *identificação* (interatividade) que ela oferece com o povo. Josefina Ludmer, definindo a gauchesca como consequência da união entre vozes ouvidas e palavras escritas³², acaba por indeterminar o limite de atuação do autor e do leitor na constituição das obras. Esse “efeito de inclusão”³³ da gauchesca estaria ligado ao seu conteúdo, que fala de um gaúcho para o outro, à medida que os autores incorporam essa personagem e suas rotinas com a finalidade de criar uma história dinâmica, presente e urgente³⁴.

Sarmiento e Hernández: literatura e projetos políticos.

Nesses meandros literários impregnados de mensagens políticas, que Rama nomearia

²⁹ De 1872, momento em que escreve a primeira parte de *Martín Fierro* (“A Ida”), a 1879, quando escreve “A Volta”, Hernández ganha um cargo político importante em Buenos Aires. Ver: Gramuglio, Donghi.

³⁰ Noé Jitrik, renomado literato argentino, em prólogo a uma das edições de *Facundo* demonstra que a união entre objetividade, subjetividade-adjetivada e subjetividade simples, encontradas inclusive num único parágrafo, configuram uma nova literatura possível surgida nas mãos de Sarmiento. JITRIK, Noé. “El Facundo: la gran riqueza en la pobreza”. In: SARMIENTO, Domingo F. *Facundo*. Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 1977, p. XXV-XXVIII.

³¹ Idem, p. XXIII-XXIV. Vale ressaltar que esse parágrafo é repleto de palavras destacadas para identificarmos, paulatinamente, as características da literatura gauchesca. Até mesmo nas explicações às obras encontramos as características do gênero imbricadas, tornando, assim, didático, o destaque de cada uma.

³² LUDMER, Josefina. “O corpo do gênero e seus limites”. In: *O gênero gauchesco...* P. 20.

³³ A autora chama essa confusão de autoria realizada pelo autor, a fim de criar uma intimidade com o seu público, de “efeito de inclusão”. LUDMER, J. “Desafio e lamento: os tons da pátria”. In: *O gênero gauchesco...* P. 121.

³⁴ RAMA, A. “Prólogo”. In: *Poesía...* P. XIII.

de “solução estética”, ou “fórmula de americanização” surgidas através da gauchesca³⁵, podemos encontrar a importância adquirida pela literatura para o contexto de independência dos países hispano-americanos. Silviano Santiago identifica que, através dessas novas configurações literárias, o novo mundo conseguiu destruir os conceitos de unidade e de pureza até então impostos pelo mundo europeu, mostrando na *transgressão* a possibilidade de expressão de uma nova cultura³⁶.

Seguindo essa lógica de autonomia cultural que os países hispano-americanos adentram pelo século XIX, sempre ligada a um viés político, entendemos que a *transgressão* pode ser uma das maiores propostas da literatura gauchesca. Elencamos aqui dois aspectos legados dessa novidade discursiva aos “seguidores” do gênero: o trato dado à *história* e o uso da *linguagem* empregada.

Sarmiento e Hernández trabalham com gêneros literários distintos dentro da gauchesca, respectivamente, ensaio e poesia. Segundo Jaime Rest, o ensaio se define como uma exposição de idéias que não exige comprovação, outorgando “más importancia a los atractivos de presentación poética que a la validez de los juicios enunciados”³⁷. Junto à gauchesca, o ensaio de Sarmiento pôde manipular os dizeres históricos com o intuito de valorizar as origens e as tradições culturais que ilustrariam a singularidade e a força de seu país. “Manipular” nesse sentido não significa “forjar”, mas construir significados históricos que corroborem com a transmissão de certa mensagem desejada. Na definição de Rest, enquanto o século XX exige que seu intelectual seja um desbravador da realidade, o século XIX o entendia como produtor de sentido³⁸.

O mesmo espaço tem a poesia de Hernández dentro da gauchesca. Organizadora de um sistema de idéias, de uma retórica própria, de um saber cultural e de uma língua, o poema *Martín Fierro* propõe uma determinada consciência ao gaúcho, que está intimamente relacionada ao programa social de seu autor³⁹. Bastante conhecida pelo seu caráter de *sobreposição do indivíduo*, a gauchesca tem a preocupação de resgatar temáticas coletivas, apresentadas a partir de uma elaboração literária que interage autor, narrador e leitor, fazendo-

³⁵ RAMA, A. “Nascimento de la gauchesca...” P. 43.

³⁶ SANTIAGO, Silviano. “O entre-lugar do discurso latino-americano”. In: *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000, p. 25. A literatura gauchesca corresponde a essas expectativas do momento independentista principalmente quando recuperamos seu criador, Bartolomé Hidalgo, que apresentou seu primeiro trabalho em 1810, ano oficial do início das guerras de independência da Argentina e dos demais países hispano-americanos.

³⁷ REST, Jaime. “Panorama del ensayo”. In: *Historia de la literatura argentina*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1980, p. 97.

³⁸ Idem, p. 99.

³⁹ GRAMUGLIO, M. T.; SARLO, B. *Op. Cit.* P. 26.

se conhecer a condição de um grupo através de uma imagem literária que independe de uma determinação temporal⁴⁰.

Tanto em Sarmiento como em Hernández podemos perceber que o trabalho realizado com o passado esteve intimamente relacionado aos planos de uma construção futura da nacionalidade do país. É interessante notar que a gauchesca não tem a pretensão de incluir o gaúcho na história, porque parte da premissa de sua existência ao realizar um movimento de seu resgate no passado. O gaúcho faria parte, portanto, de uma *tradição* do país⁴¹, determinando a origem de um povo que quis pensar-se autônomo e, assim, oferecendo um sentido ao rumo histórico almejado para o país.

Conforme nos indica Rosalba Campa, “tras esas voces y esos tiempos discordantes asoma la paradoja esencial del género: su heterogeneidad lingüística”⁴². A aproximação entre a fala cotidiana e a escrita na poesia gauchesca é indispensável para classificar a escolha da linguagem como uma de suas principais transgressões, tendo em vista que através dela se concretizam as características citadas anteriormente: didatismo, identificação com o público, efeito de convencimento, liberdade temporal presente na fala. Para Rama, o esforço da gauchesca para empregar a fala popular esteve intencionado em acompanhar a independência política através da língua, criando um linguajar baseado na oralidade que garantisse uma sobrevivência literária ao gaúcho⁴³.

O uso de refrões, que relembram os antigos cancioneros do século XVIII, a citação de provérbios populares e a suspensão da narração para as declarações pessoais do narrador estabelecem em *Martín Fierro* um caráter mimético sobre o mundo campesino⁴⁴, fórmulas encontradas pelo autor para a emissão, e a conseqüente eficácia, de sua opinião. Segundo Carmelo Gariano, o uso constante do elemento humorístico no texto hernandiano também demonstra um trabalho suntuoso nas suas mensagens, sendo a atitude risonha do gaúcho, por exemplo, uma atitude frente aos valores humanos que o delegavam à marginalidade⁴⁵. As metáforas de impacto primitivo, as ridicularizações políticas, as referências toscas que causam mal-estar, o tom rústico na fala, a comicidade na descrição de uma personagem são alguns recursos de Hernández que, para Gariano, atraem o leitor, devido ao instinto de liberdade que

⁴⁰ CAMPRA, Rosalba. “Mitificación y distancia en la poesía gauchesca”. In: *América: Cahiers du CRICCAL (Le gaúcho dans la littérature argentine)*. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, nº 11, 1992, p. 152.

⁴¹ Idem, p. 153.

⁴² CAMPRA, R. *Op. Cit.* P. 153.

⁴³ RAMA, A. “Prólogo...”. P. XXIV-XXV.

⁴⁴ GRAMUGLIO, M. T.; SARLO, B. *Op. Cit.* P. 41.

⁴⁵ GARIANO, Carmelo. “Elementos humorísticos en el ‘Martín Fierro’”. In: *Hispania*, vol. 51, nº 1 (Mar, 1968), p. 68.

sugerem⁴⁶.

Algumas dessas características se repetem na obra de Sarmiento como, por exemplo, constantemente o autor se interferir nos relatos históricos narrados e usar constantemente pontuações exclamativas que representam sua própria emoção. Noé Jitrik aponta como uma importante análise para *Facundo* as expressões empregadas no texto que se transformam em *imagens*, capazes de fragmentar a totalidade de uma linha discursiva e de impor um outro ritmo, o do “saber contar”⁴⁷. A reorganização dos eventos históricos por Sarmiento estaria relacionada exatamente à instabilidade semântica de sua obra, conforme nos aponta Diana Goodrich⁴⁸, uma vez que o texto pode ganhar ares tanto de uma obra fictícia como de um panfleto político, devido à forma narrativa despojada e, ao mesmo tempo, elaborada empregada.

O que tornou interessante analisar as características literárias da *gauchesca* junto a José Hernández e Domingo F. Sarmiento foi pensar como a arte tem o poder de tornar motivos e pessoas imortalizados⁴⁹. Não é a toa que esse gênero literário tenha sido privilegiado no século XX, pelas mãos de Leopoldo Lugones e Ricardo Rojas⁵⁰, ao consagrar as duas obras-símbolo da constituição da república argentina. O olhar tradicional do passado e a busca constante pela originalidade nacional geraram uma transgressão lingüística e literária que se tornaram base para a formação do pensamento histórico do país. Disso podemos concluir que a *gauchesca* oferece um espaço de discussão determinado para o século XIX, através de seus temas e abordagens empregadas⁵¹, o que justifica encontramos autores como Sarmiento e Hernández, tão distantes por tempo, por problemáticas e por posições políticas, usando da mesma literatura para suas argumentações.

Para Miriam Gárate, essa abertura do gênero seria oferecida por “actitudes, gestos y movimientos interpretativos resultantes de la necesidad de demarcar un límite precisamente

⁴⁶ Idem, p. 71.

⁴⁷ JITRIK, N. *Op. Cit.* P. XVI.

⁴⁸ GOODRICH, Diana. “Facundo y los riesgos de la ficción”. In: *Revista Iberoamericana*, nº143,1988, p.573-74.

⁴⁹ Nilda Díaz, em artigo da revista *América*, usa essa idéia de imortalização pela arte para retratar o trabalho realizado por Sarmiento com *Facundo Quiroga*. DÍAZ, Nilda. “Facundo: la prosa del exceso”. In: *América...* P. 107; assim como Carmelo Gariano usa o conceito para mostrar a obra de Hernández que, ao sair de uma realidade histórica, garante uma realidade artística, que é mais duradoura. GARIANO, C. *Op. Cit.* P. 77.

⁵⁰ ALTAMIRANO, Carlos. “La fundación de la literatura argentina”. In: *Punto de Vista*. Agosto/2001, nº 70, p. 10. Altamirano analisa nesse artigo a discussão gerada pela revista *Nosotros*, em 1913, sobre a importância do livro *Martín Fierro* para a memória nacional e sintetiza nele a necessidade argentina de elevar uma característica literária própria. Assim estaria dada a corrida por uma “fundação literária” (p. 12), afirmando e provando uma identidade nacional através de uma *tradição literária*.

⁵¹ GRAMUGLIO, M. T.; SARLO, B. *Op. Cit.* P. 27.

donde (...) el límite tiende a ser contradicho”⁵². Seguindo essa linha de raciocínio, a intenção no uso da *gauchesca* estaria em questionar a modernidade, ou melhor, do que seria considerado o moderno pela Europa no século XIX, a fim de organizar uma estrutura interna de manifestação cultural e, conseqüentemente, política. Portanto, a incorporação do gaúcho ao mundo letrado da América independente tornaria a barbárie no esforço da literatura hispano-americana⁵³, que encontra na voz do gaúcho a sua manifestação⁵⁴. A análise da modernidade através da barbárie do gaúcho argentino transforma-se, assim, no mote de *Facundo* e de *Martín Fierro*, uma vez que ambos buscam os meios de alcance da civilização a partir da realidade de barbárie existente⁵⁵. Transformando o gaúcho num símbolo dos conflitos da constituição da Argentina moderna⁵⁶, Sarmiento e Hernández tornam possíveis e viáveis suas propostas políticas, para um momento em que era importante a criação tanto da imagem do intelectual, crítico e realista, quanto do público leitor, autônomo e original.

O indígena nas obras de Sarmiento e Hernández

Sarmiento e Hernández escreveram suas obras distantes aproximadamente trinta anos e foram classificadas como obras antagônicas. Hernández fora declaradamente opositor às políticas governamentais durante a presidência de Sarmiento (1868-1874), o que torna ainda mais intrigante a constatação de uma idêntica impressão e descrição da representação a respeito do indígena. Os dois autores apresentam o indígena como sanguinolentos e saqueadores, que atacam as zonas fronteiriças⁵⁷, numa interessante homogeneidade de impressão a respeito daquilo que não deve ser visto como o “nacional”:

Ao sul e ao norte espreitam-na os selvagens que aguardam as noites de lua para cair, qual enxame de hienas, sobre o gado que pasta nos campos e sobre as indefesas povoações; (...) selvagens ávidos de sangue e pilhagem (SARMIENTO, 1996, p. 65-66; 71).

Não há ali misericórdia, / nem esperança a se ter; / matar pr’a o índio é dever, / e outra coisa não concebe, / pois o sangue que se bebe / lhe agrada vê-lo correr”; “O índio sempre que ataca, / no roubo põe a ambição (HERNÁNDEZ, 1991, p. 79).

⁵² GÁRATE, Mirian Viviana. “Atracción y repulsión: en torno a la *gauchesca* de *gauchos* y de *gauchos*”. In: *Revista Iberoamericana*, nº 192, 200, p. 540.

⁵³ Em nota, Julio Ramos nos sugere essa idéia. RAMOS, Julio. “Saber del otro: escritura y oralidad en *Facundo* de Domingo F. Sarmiento”. In: *Desencuentros de la modernidad en América Latina: literatura y política en el siglo XIX*. México: FCE, 1989, p. 26.

⁵⁴ LUDMER, J. “Desafío e lamento...”... P. 120.

⁵⁵ Se pudéssemos resumir em poucas palavras as intenções dos autores: para Sarmiento, a barbárie deveria ser superada a partir de seu reconhecimento, por isso a elaboração de um livro todo sobre o general Quiroga Facundo, considerado um exemplo de federalista bárbaro; para Hernández, a barbárie estaria em todos os lugares, inclusive na capital Buenos Aires, porque a barbárie estaria nas atitudes daqueles que acreditariam seguir os passos da modernidade sem refletir sobre suas implicações no universo hispano-americano.

⁵⁶ CAMPRA, R. *Op. Cit.* P. 150.

⁵⁷ Espaço imaginário que dividira o mundo civilizado do mundo bárbaro do indígena.

Durante os ensaios de Sarmiento, encontramos essas definições parcamente. A preocupação de entender a realidade argentina, percebendo nela estruturas políticas e culturais caóticas sob as definições clássicas européias, seria a forma encontrada pelo autor para pensar as possibilidades de engajar o país no patamar da história universal. A modernidade por ele almejada não caberia a figura do indígena, que se encontraria dominado pelo estado de natureza esperando a ser ordenado⁵⁸.

A superação desse estatuto pré-moral oferecido pelas planícies dos pampas seria o resultado de uma política de povoação sobre o vazio geográfico existente no Sul. Sarmiento define esse ambiente “desértico” numa interessante passagem: “(...) a morte está por toda parte; um poder terrível, incontrastável, fez por um momento que ele [viajante no deserto] se concentrasse em si mesmo e sentisse o seu nada em meio daquela natureza irritada”⁵⁹. Aonde Sarmiento não enxerga civilização não há povoação. O indígena passa a ser visto por ele numa categoria de “natureza”, como uma expressão pura de barbárie, impassível de ser civilizado:

As raças americanas vivem na ociosidade e se mostram incapazes, mesmo pela coação, de se dedicarem a um trabalho duro e contínuo (SARMIENTO, 1996, p. 72).

Esquecer o indígena em prol da valorização do gaúcho seria buscar recuperar os resquícios de sociedade a partir de um homem bárbaro que já fora mesclado de civilização⁶⁰ e, portanto, passível de integração à futura modernidade almejada pelo autor à Argentina. A pouca aparição do indígena, sugere uma leitura de “desprezo” quanto a um fator inoportuno existente em solo argentino; inoportuno diante de um projeto civilizacional “branco”, “europeu”, que almejava desprender-se da força simbólica indígena que se remetia a um passado colonial.

No final da *Ida*, em *Martín Fierro*, o gaúcho, personagem narrada em primeira pessoa, desistindo de viver entre as imposições do seu governo, vai viver entre os indígenas porque “lá [no deserto] teremos segurança / como aqui [ante o governo] nunca tivemos”⁶¹, numa clara alusão à situação política sarmientina da época. Assim, o texto da *Volta*, como uma reconsideração de sua radical posição inicial, aparece repleto de menções ao indígena, com descrições dos hábitos, dos costumes e da sua inferioridade nata.

A necessidade criada no gaúcho Martín Fierro em defender-se, por ter Hernández

⁵⁸ SARMIENTO, D. F. *Op. Cit.* P. 71.

⁵⁹ *Idem*, p. 87.

⁶⁰ SVAMPA, Maristella. “Una constitución para los ausentes”. In: *El dilema argentino...* P. 48.

⁶¹ HERNÁNDEZ, J. *Op. Cit.* P. 70.

adotado a postura do homem criticado por Sarmiento, faz com que a personagem busque desvencilhar-se dos elementos bárbaros da sociedade⁶², depositando-os no indígena. Esse seria o motivo auferido por David Viñas para tanto espaço na *Volta* da presença indígena, o que nos abre a possibilidade de interpretar essa “presença” como "repúdio" à personagem principal, uma vez que foram os indígenas elementos determinantes da personalidade de Martín Fierro, fazendo com que ele se redimisse da tentativa de abandonar seus antigos valores. De qualquer forma, o indígena não tem volume histórico para a Argentina.

O vazio civilizacional de Hernández não seria geográfico e nem corresponderia ao problema da extensão, conforme percebia Sarmiento⁶³, mas seria um vazio moral, pois o índio "Não tem carinho por nada, / como não sabe o que é amar. / O que não se há de esperar / de corações feito de aço?... / conheci-os, já ao chegar: / o meu juízo não desfaço"⁶⁴. Nesta passagem torna-se clara a defesa de uma moral religiosa para a vivência em sociedade; essa ausência de valores imprescindíveis, responsável pelo choque das culturas indígenas e crioulas, revela um Hernández igualmente preocupado com a incapacidade da mudança do estatuto natural do indígena, condição primeira para a construção de um projeto nacional:

Tenaz em sua barbárie, / não pensem vê-lo mudar; / o anseio de melhorar / em tal rudeza não cabe: / somente, o bárbaro, sabe / emborrachar-se e pelear (HERNÁNDEZ, 1991, p. 85).

A falta de terras para o indígena, enunciada na necessidade deste de realizar saques, também é um fator presente na negação de antigos contatos coloniais, embora aquele que não tenha seu lugar para Hernández seja o próprio gaucho, que “(...) aun queriendo ser otro, tiene que seguir siendo como es”⁶⁵.

Dessa forma, a perspectiva de ambos, sobre a relação entre o indígena e a civilização almejada, seria a de que o primeiro, portando o estatuto de primitivo, sucumbiria perante o contato com o segundo, como se o anti-civilizado, o bárbaro, devesse ser neutralizado em sua nocividade, se não se pode educá-lo ou convertê-lo⁶⁶. Os dois autores encontraram caminhos diferentes na literatura gauchesca, mas consagram uma desarticulação, um enfraquecimento e um esquecimento do espaço geralmente atribuído à memória indígena na América

⁶² VIÑAS, David. "José Hernández, del indio al trabajo y a la conversión". In: HERNÁNDEZ, J. *Op. Cit.* P. 1048.

⁶³ Sarmiento afirma: "A imensa extensão do país que está em seus extremos inteiramente despovoada. (...) O mal que aflige a República Argentina é a extensão: o deserto a rodeia por todas as partes, se lhe insinua nas entranhas; a solidão, o despovoado sem uma habitação humana, são geralmente os limites inquestionáveis entre uma província e outra". SARMIENTO, F. D. *Op. Cit.* P. 65.

⁶⁴ HERNÁNDEZ, J. *Op. Cit.* P. 90.

⁶⁵ ZEA, Leopoldo. "Introducción". In: HERNÁNDEZ, J. *Martín Fierro*. Caseros: Gradifco, 2007, p. XVI.

⁶⁶ Trecho de Starobinsk citado por Maristella SVAMPA. In: *El dilema argentino...* p. 20.

Hispânica⁶⁷. Precisaram discutir as relações do nacional a partir do gaúcho, que era o homem do campo com ascendência espanhola. E esse discutir significou variadas leituras sobre o tema, que em Sarmiento representa a visão citadina e em Hernández, a rural.

O debate de ambos os autores estabelece-se entre o campo e a cidade; entre gaúchos e ilustrados. Quanto ao indígena, há a renegação. Assim, desvanecendo a memória indígena atingiu-se o mito da nação branca da América Latina, cuja repercussão podemos notar em esforços de uma historiografia atual que busca diluir essa hipótese enraizada desde o século XIX na memória nacional. Para a nossa pesquisa, recuperar um novo olhar sobre a literatura gaúchesca e sua complexidade é uma possibilidade de incluir o indígena como categoria discursiva e, portanto, como parte constitutiva, ainda que a partir de sua negação, do debate político-intelectual do período de formação da memória histórica argentina.

Considerações finais

Esse artigo é resultado de uma pesquisa em andamento, com uma proposta de análise sobre gaúchos e indígenas na literatura gaúchesca ainda em processo de formulação. De qualquer forma, acreditamos que essa problemática histórica de um personagem tão forte na América e nas suas independências pode ser indicada como uma completa e singular rejeição histórica do indígena na Argentina, ou seja, pela simples caracterização que ele apresentava aos anseios desse país em emergência. O indígena não seria um problema a ser encarado no século XIX, mas o seria a própria assimilação de um discurso histórico citadino assumido pelos político-intelectuais do período para a conformação de uma civilização argentina, o qual acabaria por determinar os constantes, e inclusive atuais, embates sobre a definição da identidade desse homem argentino. Assim, o gaúcho representa em suas mais diversas figurações a grande complexidade de um país que assume como passado, como origem nacional, o próprio século XIX em que se vive e se constrói e que, por isso, define o indígena como um ser fora da sua história e que se resume à sua natureza bárbara.

Essa aparente simplicidade do olhar argentino ao indígena não significa, no entanto, que ele estaria destituído de certa função na organização da identidade nacional ao longo dos oitocentos. Construimos tal argumento com o estudo da literatura do período apresentada pelos próprios autores Sarmiento e Hernández, os quais discorrem sobre o indígena a partir de

⁶⁷ Diferentemente dos demais imaginários nacionais, a Argentina constituiu a base de seu nacionalismo sob o mito da “nação branca” da América Latina, retirando o substrato indígena da formação de sua identidade. O que teria tornado possível tal diferenciação, fora as diferentes intensidades de interferência do reino espanhol na vida política e, conseqüentemente, cultural desse país sul-americano ainda no período de colonização. Ver: GUERRA, François. "Las mutaciones de la identidad en la América Hispánica". In: GUERRA, François (coord.). *Inventando la nación*. México: FCE, 2003.

precisos lugares discursivos em suas obras, revelando uma importância literária fundamental aos índios dentro do gênero literário gauchesco. O mesmo ocorre com autores como Lucio Mansilla, Esteban Echeverría, Luiz Pérez, Hilário Ascasubi, que nunca legam um protagonismo aos personagens indígenas, mas que sempre os acomodam como aporte fundamental para a compreensão e confirmação de uma identidade criolla. Sem ser uma ameaça aos anseios argentinos na definição nacional, o índio tem em sua representação literária a síntese dos aspectos negativos de uma sociedade intelectual que digladiava pela elaboração de projetos e de rumos civilizacionais, servindo como pano de fundo às discussões sobre questões políticas e intelectuais. Nesse sentido, o indígena é importante para os argentinos na medida em que é a única certeza dentre os autores do que não se quer para o país, sendo inclusive representado sob as mesmas roupagens em ambas as obras aqui apresentadas. O índio tem sua importância literária assegurada porque define um lugar aos embates citadinos, a qual garante na caracterização do elemento externo à sociedade almejada a manutenção e a autenticidade de um discurso nacional argentino.

Bibliografía

ALTAMIRANO, Carlos. “La fundación de la literatura argentina”. *Punto de Vista*. Ago/2001, n.º 70.

ALTAMIRANO, Carlos; SARLO, B. “Identidad, linaje y mérito de Sarmiento”. In: *Punto de Vista*, Nov/1980, n.º 10.

BECCO, Horacio Jorge. *Trayectoria de la poesía gauchesca*. Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1977.

BOCCO, Andrea. *Literatura e periodismo:1830-1861*. Córdoba: Universitas, 2004.

BORGE, Jorge Luis. *Obras completas*. São Paulo: Globo, 1999, vol. III.

CAMPRA, Rosalba. “Mitificación y distancia en la poesía gauchesca”. *América: Cahiers du CRICCAL (Le gaucho dans la littérature argentine)*. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, n.º 11, 1992.

DÍAZ, Nilda. “Facundo: la prosa del exceso”. *América: Cahiers du CRICCAL (Le gaucho dans la littérature argentine)*. Paris: Presses de la Sorbonne Nouvelle, n.º 11, 1992.

DONGHI, Tulio Hálperin. *José Hernández y sus mundos*. Buenos Aires: Debolsillo, 2006.

- GÁRATE, Mirian Viviana. "Atracción y repulsión: en torno a la gauchesca de *gauchos* y de *gauchos*". *Revista Iberoamericana*, nº 192, 2000.
- GARIANO, Carmelo. "Elementos humorísticos en el 'Martín Fierro'". In: *Hispania*, vol. 51, nº 1 (Mar, 1968).
- GOODRICH, Diana. "Facundo y los riesgos de la ficción". *Revista Iberoamericana*, nº 143, 1988.
- GUERRA, François. (coord.). *Inventando la nación*. México: FCE, 2003.
- HEREDIA, Pablo; BOCCO, Andrea. *Ásperos Clamores: la literatura gauchesca desde Mayo hasta Caseros*. Córdoba: Alción Editora, 1996.
- HERNÁNDEZ, José. *Martín Fierro*. Rio de Janeiro: Ediouro, 1991.
- JITRIK, Noé. "El Facundo: la gran riqueza en la pobreza". In: SARMIENTO, Domingo F. *Facundo*. Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 1977.
- LUDMER, Josefina. *O gênero gauchesco: um tratado sobre a pátria*. Chapecó: Argos, 2002.
- PRIETO, Adolfo. "Las ciento y una: el escritor como mito político". *Revista Iberoamericana*. Vol. LIV, nº 143, Abril – Junio, 1988.
- RAMA, A. *Poesía gauchesca*. Caracas, Venezuela: Biblioteca Ayacucho, 1977.
- RAMA, Angel. *Los gauchipolíticos rioplatenses*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1982.
- RAMOS, Julio. *Desencuentros de la modernidad en América Latina: literatura y política en el siglo XIX*. México: FCE, 1989.
- REST, Jaime. *Historia de la literatura argentina*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1980.
- SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- SARLO, Beatriz (Coord.). *Historia de la literatura argentina*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1980.
- SARLO, Beatriz. "Clio revisitada". In: *Paisagens imaginárias*. São Paulo: Edusp, 2005.
- SARMIENTO, Domingo F. *Facundo: civilização e barbárie*. Rio de Janeiro: Vozes, 1996.
- SVAMPA, M. *El dilema argentino: civilización y barbarie*. Buenos Aires: Taurus, 2006
- ZEA, Leopoldo. "Introducción". In: HERNÁNDEZ, J. *Martín Fierro*. Caseros: Gradifco, 2007.